

# *CANTOS DE UM CUCO*

*Pedaços de poesia -  
Versos de um beirão*

*Francisco Duarte Augusto  
(Caféde, Castelo Branco)*

*Eu não sei se sei, se não  
Nem se pareço saber  
Chego sempre à conclusão  
Que preciso de aprender*

## *Caféde gosto de tí*

*Nem que eu vivesse mil anos  
Não me esquecia da terra  
Onde não há desenganos  
Nem há rumores de guerra*

*Se tais virtudes encerra  
Quem mais poderia ser  
É Caféde minha terra  
Que bom é cá viver*

*E se eu voltasse a nascer  
Escolhia novamente  
E voltava a crescer  
Nesta terra, nesta gente*

*É Caféde a terra minha  
Castelo Branco e Beira  
Uma casa pobrezinha  
Com um poço e uma lareira*

*Caféde de encantos tais  
Por dois ribeiros banhado  
Oliveiras nos quintais  
E hortas por todo o lado*

*Falo, está bem de ver  
Da minha terra natal  
É um regalo para viver  
Paraíso sem igual*

*Para quem nasceu num torrão  
Que tais virtudes encerra  
Como diz qualquer beirão  
Não é feliz noutra terra*

*Gosto de sentir e escutar  
Dos passarinhos o canto  
Ver o lume a crepitar  
Coisas de que gosto tanto*

*De manhã ao acordar  
E durante todo o dia  
Ouvir as aves cantar  
Uma linda melodia*

*E nos dias de romaria  
O cheirinho dos pitéus  
Nos rostos tanta alegria  
Lembram os anjos dos céus*

*Bem longe muito vivi  
E até com vida boa  
Caféde, eu gosto de ti  
Adeus linda Lisboa*

*Gosto de ti tanto tanto  
Que mais não posso gostar  
Em tudo és um encanto  
É feliz quem cá morar*

### *Caféde*

*Minha Terra é pobrezinha  
Minha terra não tem nada  
Muita gente “boazinha”  
Honestas e muito educadas*

*Não há ricos nem há pobres  
Todos nós somos iguais  
Não há cá pessoas nobres  
São amigos, não rivais*

*Não temos cá monumentos  
Nem palácios ou museus  
Mesmo assim somos crentes  
Mais cristãos do que ateus*

*Temos uma pobre igreja  
E duas pobres capelinhas  
E para que o mundo veja  
Temos as ruas limpinhas*

## *Quadras de café(de)*

*Caféde, cafés tem três  
Que foram tascas outrora  
Mas têm muito freguês  
Que bebem a toda a hora*

*O café da tia Matilde  
É no Largo do Montinho  
Apesar de ser humilde  
Serve com muito carinho*

*Mais o café do Américo  
Que tem o nome “Central”  
De público pouco numérico  
É em frente ao meu quintal*

*E o café do “Binaque”  
Fica logo ali ao pé  
Com o Benfica em destaque  
Digam lá se assim não é!?*

## *Comidas da minha infância*

*Quando eu era pequenino  
Aqui na minha aldeia  
Tomate, alface, pepino  
Comia ao almoço e à ceia*

*Só nos dias de matança  
Muita carne se comia  
Era dia de abundância  
E também muita alegria*

*Também nos dias de festa  
Ou então de romarias  
Lá no cabaz ou na cesta  
Lá iam mais iguarias*

*Comi muito pão centeio*

*E de milho e de broa  
Azeitonas de permeio  
E no verão fruta boa*

*Batatas e hortaliças  
Com cebolas e feijão  
Às vezes também nabijas  
Com salsa e hortelão*

### *O relógio e o sino da minha aldeia*

*O relógio mais o sino  
São dois amigos que tais  
À noite ou com o sol a pino  
Qual deles é que toca mais*

*Tocam ambos pelas trindades  
Ou à tarde pelo sol-posto  
Nas hortas e nas herdades  
Ouvem-se, limpa-se o rosto*

*O relógio marca a hora  
A sorte marca o destino  
São horas, vamos embora  
Estou a ouvir tocar o sino*

*Para a missa ou funeral  
Pró rebate ou procissão  
Para a festa nupcial  
Ou outra celebração*

*O sino da minha terra  
Tem um toque diferente  
E tal mistério encerra  
Não entende toda a gente*

*Para a missa toca a do meio  
Logo a seguir à primeira  
As velhas estão no “paleio”  
Quando toca a derradeira*

*Se há tristeza ou alegria  
O toque não é igual  
Se toca para a romaria  
Ou se é para o funeral*

*Tocam o relógio e o sino  
Às vezes em comunhão  
Que provocam desatino  
E tamanha confusão*

### ***Aventura***

*Eu saí da terra minha  
Um dia de manhã cedo  
Cheguei a Lisboa à tardinha  
Confesso que tive medo*

*Passei um mau bocado  
Muito triste, sem saber  
Só pensava no meu “fado”  
O que vim eu aqui fazer?!*

*E em tais coisas cismeí  
Tendo por meta o dinheiro  
Que um dia até penseí  
Embarcar para o estrangeiro*

*Mas não estou arrependido  
De ter ficado por cá  
Já estou mesmo convencido  
Que aqui é melhor que lá*

### ***Princípio de vida***

*Eu comecei a escrever  
Na ardósia com ponteiro  
Se depois comecei a ler  
Eu não sei qual foi primeiro*

*Foi à luz do candeeiro*

*Depois da sopa e pão duro  
Com a pena e o tinteiro  
Desenhei o meu futuro*

*A princípio era escuro  
A seguir o sol raíou  
Cheguei a porto seguro  
Salvei-me e aqui estou*

*Agora sei onde vou  
Mas andei meio perdido  
E ninguém me ensinou  
Ou segredou ao ouvido*

*O caminho percorrido  
Sozinho sem mais ninguém  
É pedregoso e comprido  
E nem sempre acaba bem*

*Fui olhado com desdém  
Atravessei o deserto  
Agradecer, não sei a quem  
Mas eu tive Deus por perto*

### ***Ser polícia***

*Ser polícia é dizer  
Ao cidadão distraído  
Que não deve cometer  
O facto que é proibido*

*Ser polícia é prever  
Aquilo que não foi previsto  
É até estar a ver  
Aquilo que ainda não existe*

*Ser polícia uma vida  
De noite e de madrugada  
Numa constante corrida  
Tantas vezes para nada*

*É ter olhos e ouvido  
E provar ao Magistrado  
Que é alguém é arguido  
E que do crime é culpado*

*Polícia é estar atento  
A dormir, estar acordado  
É nunca sentir desalento  
Quando assim confrontado*

*Nunca se sentir cansado  
Embora às vezes pareça  
Deve estar bem preparado  
E decidir com cabeça*

*É ser alguém que conheça  
O mundo de trás para a frente  
Não agir nunca com pressa  
Sem pés nem mãos, com a mente*

*Deve ser-se diligente  
E chegar na ocasião  
Devagar ou de repente  
E causar boa impressão*

*É resolver com prontidão  
Acalmando os exaltados  
Pondo termo à confusão  
São alguns dos predicados*

*À “paisana” ou fardados  
Tem interesse a imagem  
Não andem desajeitados  
Tenham tento na linguagem*

*Cultivem a camaradagem  
Exemplares comportamentos  
Revelem sempre coragem  
E mostrem ser competentes*

*Polícia é ser gente  
Que relembra tempo ido*

*É um ser inteligente  
De bons olhos e ouvido*

### *Ser polícia ou ladrão*

*Ser polícia ou ladrão  
A diferença é bem pequena  
Ambos se servem da mão  
Quando pecam, cumprem pena*

*Mas se o juiz condena  
O polícia, não o ladrão  
Desta justiça terrena  
Que Deus tenha compaixão*

*Tudo merece perdão  
E não ser incriminado  
Sem haver condenação  
Nenhum deles é culpado*

*Cada um com o seu “fado”  
Nasceram todos iguais  
Vivem mesmo lado a lado  
Até ambos são mortais*

### *Polícia Judiciária*

*Polícia Judiciária  
Tem prestígio mundial  
Com dedicação diária  
À justiça nacional*

*Foi de parto natural  
Que no Torel foste nascida  
És Polícia sem igual  
Em Gomes Freire crescida*

*Começaram no Torel  
Depois no Conde Redondo  
Andaram neste tropel*

*Até eu sei lá por onde?*

*Por “Judite” conhecida  
Do Torel ou Gomes Freire  
Sendo por muitos temida  
Respeitada no mundo inteiro*

*Do Minho ao sotavento  
À Madeira e aos Açores  
Todo o mundo está contente  
Com a Polícia dos doutores*

*Neste mundo de ilusões  
De êxitos e arrelias  
Já basta de divisões  
Quase fomos para Caxias*

*Ali na Veterinária  
Tratavam-se animais  
Agora a Judiciária  
Vai “tratar outros que tais”*

*Estava tudo separado  
E já não se conheciam  
Assim, uns em cada lado  
Há anos que não se viam*

*Até que enfim se vão juntar  
Todos no mesmo edifício  
E contentes vão ficar  
É gente do mesmo ofício!*

*E a Marineca em frente  
A vê-los sair e entrar  
Toda a gente está contente  
Até eu estou a gostar!*

**Eu ví**

*Eu ví tantos carteiristas  
Espertos, hábeis e lestos*

*Eu vi tantos vigaristas  
Que diziam ser honestos*

*Eu vi tanto vagabundo  
De olhar triste e profundo  
Com cara de moribundo  
Parecendo de outro mundo*

*Vi tantas Casas roubadas  
Fechaduras arrombadas  
Aldrabas desengonçadas  
Vedações arrebitadas*

*Vi tanta gente a roubar  
Vi tanta gente a chorar  
Vi tantos a precisar  
Mas a não querer trabalhar*

*Tanta gente com piolhos  
Lágrimas a pingar dos olhos  
A remexer os entulhos  
Passando além dos escolhos*

*Vi mortos despedaçados  
Corpos ensanguentados  
Maltrapilhos desnudados  
Esperando ser enterrados*

*Mulheres a viver por conta  
"Chulos" sem conta nem monta  
"Maricas" de cabeça tonta  
Vi no mundo tanta afronta*

*Tanta miséria escondida  
Tanta vida mal vivida  
Gente nova envelhecida  
Tanta esperança perdida*

### ***Quadras soltas***

*Sei que não sou um poeta*

*E nem nunca pretendi ser  
Só quero dar à caneta  
O seu uso e meu prazer*

*Gosto muito de ser eu  
E não ser um “pau mandado”  
Sempre assim aconteceu  
E penso não estar errado*

*Se eu pudesse voltar  
Aos anos que já perdi  
Eu não devia parar  
Não ficava por aqui*

*Caminhos que percorri  
Certos, errados, não sei  
Tantas coisas que eu vi  
Outras tantas escutei*

*Os espinhos que pisei  
Por caminhos mal trilhados  
Os trabalhos que passei  
Não dou por mal empregados*

*Gosto de viver a vida  
Ela é boa mesmo assim  
Mas há tanto suicida  
Que à existência põe fim*

*Tudo volta a ser pó  
Não se perde mas transforma  
Quem é velho fica só  
É assim a triste norma*

*No nascer e no finar  
Todos nós somos iguais  
O tempo vai-nos provar  
Que todos somos mortais*

*Só bastava acreditar  
Que honesto não morria  
Passava tudo a pagar*

*E já ninguém mais devia*

*Luta com força e ardor  
Se quiseres ser alguém  
Ou és o senhor doutor  
Ou então não és ninguém*

*Os cinco sentidos conheça  
Que ao ser humano se dão  
Quatro deles na cabeça  
E o quinto está na mão*

*Membros, tronco e cabeça  
São as três partes da gente  
Se as não sabe, conheça  
Fixe-as bem na sua mente*

*Quem à vida chega pobre  
Deve dar graças a Deus  
Quem vem de família pobre  
Difícil irá para os céus*

*Faço tudo para ser rico  
Ou mesmo remediado  
Mas de vez em quando fico  
Um pouco desanimado*

*Daria um bom bocado  
Se tivesse muito de meu  
Sem estar preocupado  
Se vou ou não para o céu*

*No grupo dos reformados  
Com sinais de ter idade  
Tantos anos são passados  
Esta é a triste realidade*

*Tenho uma certa vaidade  
Ter chegado onde cheguei  
Da serra para a cidade  
Que largos passos eu dei*

*Eu gosto de ser assim  
E tudo o resto é conversa  
E quem não gostar de mim  
Acreditem, não me interessa*

*Aos novos que agora são  
Um conselho quero dar  
Olhem bem por onde vão  
Que caminhos vão pisar*

*É triste ser reformado  
E sem ter nada que fazer  
É sentir-se quase acabado  
Só à espera de morrer*

*É muito fácil dizer  
Eu quero-me reformar  
Mas depois, está bem de ver  
É triste não trabalhar*

*Já quase no fim da vida  
Tudo nos vem à lembrança  
Com a missão já cumprida  
E futuro sem esperança*

*Mas se a vida se comprasse  
Eu também comprava a minha  
E quando o dinheiro faltasse  
Vendia tudo o que tinha*

*Já depois de muito andar  
Olhei para trás e pensei  
Que é preciso descansar  
E só tão tarde me lembrei*

*Meu destino foi cumprido  
Sem ambição desmedida  
Nasci nu, ando vestido  
Que mais quero eu da vida?*

*O saber não é só feito  
Da experiência da vida*

*Mas também não é defeito  
É lição mal aprendida*

*Aprender até morrer  
Diz o povo, é verdade  
Todos gostam de saber  
Aquilo que não se sabe*

*Quem anda ao sabor do vento  
Ou de cabeça no ar  
Se a pensar não perde tempo  
Anda mesmo por andar*

*Saber de tudo não é  
O mesmo que tudo saber  
Eu juro por minha fé  
Que ando sempre a aprender*

*Quem pensa tudo saber  
E nunca se enganar  
Tem muito que aprender  
E pouco que ensinar*

*É feio ser “gabarola”  
Mentiroso ou aldrabão  
Pode virar-se a pistola  
E cair morto no chão*

*O coração que se tem  
Vê-se na cara da gente  
E tudo nos corre bem  
Quando se está bem contente*

*Nada acontece sem sorte  
Até mesmo para ser cão  
Há quem goze até à morte  
E outros a dormir no chão*

*Gosto de estar sozinho  
E meditar à vontade  
Sentado no meu cantinho  
Mas viver em liberdade*

*Chamo pintor ao que pinta  
Ao vigarista, aldrabão  
Só um deles usa tinta  
Ambos a imaginação*

*Ninguém escolhe seu fado  
E nada se faz sem sorte  
É bom ser-se bem dotado  
Ser saudável e forte*

*Ter bom sentido do norte  
Olhar sempre bem de frente  
Não pensar nunca na morte  
Mostrar cara de contente*

*Ser um pouco inteligente  
Trabalhador e honesto  
Devagar, não de repente  
O tempo fará o resto*

*Quando não sei o que fazer  
E estou para aqui a pensar  
Ponho-me então a escrever  
A ler ou a versejar*

*Ser-se mau não vale a pena  
É melhor fazer o bem  
A vida é tão pequena  
E não fica cá ninguém*

*Se eu voltasse a nascer  
Em visão imaginária  
Voltaria a pertencer  
À minha Judiciária*

### *Quem foge de mulher nua*

*Quem foge de mulher nua  
Mostra fraqueza afinal  
Ainda que seja na rua*

*Não é nada de anormal*

*Não é nenhum bacanal  
Nem nada de indecente  
E um polícia normal  
Está de tudo ao corrente*

*Não se assusta toda a gente  
Ao ver mulher em “pelota”  
E em certo ambiente  
Só dá lugar a risota*

*Até parece anedota  
O alarido que deu  
Todo o mundo fez “chacota”  
E porquê, pergunto eu?*

*Há mulheres com tudo ao “léu”  
Na rua ou na televisão  
E ainda ninguém morreu  
De susto ou de congestão*

### *Versos desgarrados*

*Um sorriso desdentado  
Mesmo assim parece bem  
A tristeza é enfado  
E não agrada a ninguém*

*É tão triste estar a ver  
Tanto rico ser ladrão  
Ainda por cima dizer  
Que eu sou um mandrião*

*Mas quem é que tem razão  
No meio desta embrulhada?  
Sou eu por ser “folgazão”  
Ou ele que não faz nada?*

*Não tenho que agradecer  
Da vida nada a ninguém*

*Nem sequer queria nascer  
A culpa é da minha mãe*

*Se me fosse perguntado  
Se eu queria nascer  
Eu teria recusado  
Já não tinha que sofrer*

*Que todos somos iguais  
Não acredito em tal sorte  
Pois mesmo em termos reais  
Só no nascer e na morte*

*Se a vida se comprasse  
Mas em número limitado  
Não havia quem faltasse  
Ao concorrido mercado*

*Ao estar no fim da vida  
Tudo nos vem à lembrança  
Com a missão já cumprida  
E futuro sem esperança*

*Faço quadras tão bonitas  
Quando meio acordado  
Que se elas fossem escritas  
Tinham sentido elevado*

*Depois ao estar levantado  
E a tentar recordar  
Eu fico mudo e calado  
Sem ser capaz de pensar*

*E depois ao regressar  
Ao meu estado normal  
Eu sei que estive a sonhar  
E que nada é real*

*Mas há dias que não sei porquê  
E nem por alma de quem  
Parece que a gente não vê  
E nada nos corre bem*

*Hoje não estou inspirado  
Nada está a sair bem  
Vou descansar um bocadinho  
A ver se a inspiração vem*

### *As penas*

*Que felizes são as aves  
Com as penas que Deus lhes deu  
As suas penas são leves  
O peso das minhas sei eu*

*Que pena eu não ter penas  
Como as das avezinhas  
As delas são tão pequenas  
E são tão grandes as minhas*

*Minhas penas são pesadas  
E cada vez são maiores  
Têm lágrimas derramadas  
Misturadas com suores*

### *A alma*

*A alma eu já quis beijar  
Não pude, não encontrei  
Estou farto de procurar  
Onde está? ainda não sei!*

### *A confissão*

*Ao fazer a confissão  
Lava-se a alma da gente  
O padre ao dar o perdão  
Faz papel de detergente*

## *Poesia da rua*

*Gostava de ser poeta  
Poeta a tempo inteiro  
Mas daqueles sem caneta  
Sem lápis e sem tinteiro*

*Vi na rua um varredor  
Varrendo, limpando o chão  
Vi também um condutor  
Transitar em contramão*

*Zona nobre da cidade  
Onde tudo é limpeza  
Cuidado com a liberdade  
Não estraguem a natureza*

## *O Vinho*

*Vinho tinto, vinho branco  
Maduro, verde ou rosé  
Bebendo não sei se manco  
Nem se me aguento em pé*

*Dele não se deve abusar  
O que é de mais não presta  
Pode fazer escorregar  
E vir a partir a testa*

*Põe alguns a gaguejar  
O cortês deixa de o ser  
Outros a cambalear  
O trilhão deixam de ver*

*O vinho tem tal valor  
Desde as bodas de Caná  
É o sangue do senhor  
É o sumo do Maná*

*Tem tal valor este néctar  
Fruto do Deus Baco*

*Faz o sisudo falar  
E forte o homem fraco*

### **O Dinheiro**

*O dinheiro é vil metal  
Que todo o mundo procura  
Serve pró bem e pró mal  
Às vezes dá em loucura*

*Leva uns ao paraíso  
Leva outros à prisão  
Que nem no dia do juízo  
Eles merecem perdão*

*Há gente que por dinheiro  
Vende tudo, até a mãe  
Prometem o mundo inteiro  
Mas não dão nada a ninguém*

### **Caras**

*Há caras e carantonhas  
Caras feias ou bonitas  
Umhas caras de panhonhas  
E outras caras catitas*

*Caras de “cu à paisana”  
E também caras de pau  
Há caras que não enganam  
Tipos com cara de mau*

*Ver caras ou corações  
São coisas bem diferentes  
Diversas as reacções  
Irritadas ou contentes*

*Caras grandes ou pequenas  
De tristezas ou alegrias  
Caras brancas ou morenas*

*Outras que ficam para “tias”*

### ***Ser velho é ser “doutor”***

*Ser velho não é ser mono  
De bengala ou muleta  
Nem estado de abandono  
Como um traste na valeta*

*Não queiras e não pareças  
Ser um velho abandonado  
Sobretudo não te esqueças  
Que não és um desgraçado*

*Quem a velho não chegou  
Esse sim, não teve sorte  
A meio da vida parou  
Interrompido pela morte*

*Ser velho é ser “doutor”  
Da faculdade da vida  
E não é um impostor  
Com lição mal aprendida*

### ***Quadras a esmo***

*Quero escrever e não sei  
Por onde devo começar  
Ainda não encontrei  
Um tema para dissertar*

*Procuro na imaginação  
Em tudo o que me rodeia  
E logo chego à conclusão  
Que pra isto não dou “meia”*

*Às vezes saí tudo certo  
Outras vezes, eu sei lá  
Tão depressa eu sou esperto  
Logo depois, sou “gagá”*

*Mesmo assim vale a pena  
Continuar a escrever  
A vida é tão pequena  
E já está a entardecer*

*Para o céu, sei que não vou  
Para o inferno? Também não  
Prefiro estar onde estou  
Deus tenha de mim compaixão*

*Gostava de ter um amigo  
Um amigo verdadeiro  
Assim parecido comigo  
Ser rico, não de dinheiro*

*Cheguei ao mundo primeiro  
Por isso já tenho idade  
Sem nunca ser pioneiro  
Tenho uma certa vaidade*

*É triste a realidade  
O tempo roda e não pára  
Já se foi a mocidade  
Basta olhar-me para a cara*

*Começa a ser coisa rara  
Ser honesto, cumpridor  
Há tanta gente com "tara"  
Que precisa ir ao "doutor"*

*Eu não gosto de esperar  
Mas esperei toda a vida  
Não sei quando vai chegar  
O meu dia de partida*

*Quanto mais tarde melhor  
E assim sem sofrimento  
Sem ter que ir ao "doutor"  
E que seja de repente*

*Morre-se muito no leito*

*Tenham cuidado ao deitar  
E levantem-se com muito jeito  
Porque podem escorregar*

*Mil vezes interrogado  
Outras tantas interroquei  
Algumas vezes acareado  
Nunca menti nem mentirei*

*Tem sido sempre o meu “jeito”  
E assim será futuramente  
Continuo a agir com respeito  
E se mentir é inconsciente*

### ***Quadras ao acaso***

*Estou a ficar cansado  
Deve ser já da idade  
De pé, ou mesmo sentado  
É a triste realidade*

*Não sei se é a verdade  
Mas é assim entendida  
Às vezes não é da idade  
É dos desgostos da vida*

*De cabeça bem erguida  
E olhando bem de frente  
Tendo por conta e medida  
Fazer bem a toda a gente*

*Mostrar cara de contente  
E rir em vez de chorar  
Mesmo que esteja doente  
Sofrendo, mas a cantar*

*De tudo eu não sei nada  
Mas um pouco de tudo eu sei  
Ruas, caminhos, estrada  
Vários trilhos eu pisei*

*Eu não sei se sei, se não  
Nem se pareço saber  
Chego sempre à conclusão  
Que preciso de aprender*

*A vida só é risonha  
Para aquele que tem sorte  
Mas ela é triste e medonha  
Às vezes pior que a morte*

*Ainda não me arrependi  
De nada do que já fiz  
Porque a vida me sorri  
Sem ser rico, sou feliz*

*Curta perna a da mentira  
Não vai longe quem a tem  
Nem a use quem aspira  
Não fazer mal a ninguém*

*Mas o êxito, esse sim  
Todos dizem, isso é meu  
Mesmo até o mais ruim  
Diz que tem direito ao céu*

*A culpa morreu solteira  
Teve que ficar para tia  
Vão à frente com bandeira  
A verdade e a cortesia*

*Eu não escrevo a pensar  
No vil metal desejado  
Eu só escrevo para passar  
O tempo de um reformado*

*Não escrevo para ganhar  
Dinheiro para comer  
Só escrevo para passar  
Um pouco do meu lazer*

*Vejo tantos desgraçados  
Acreditar em santidade*

*Mal vestidos, desnudados  
Vivendo da caridade*

*Eu vejo tanta vaidade  
Luxúria e petulância  
Tanta falta de verdade  
Abusando da ignorância*

*Não gosto de estar sozinho  
E nem mal acompanhado  
Gosto de um bom petisquinho  
E de um serão bem passado*

*Adoro a vida do campo  
Uma boa caldeirada  
Faz muito jeito entretanto  
Ter uma boa mesada*

*Passear, não fazer nada  
Ser rico ou reformado  
Uma vida regalada  
Viver à conta do Estado*

*Mas se for remediado  
Até pode já chegar  
Para viver desafogado  
E de nada precisar*

*Se eu fosse rico dava  
De comer ao indigente  
Já que nada me faltava  
Andava sempre contente*

*Como sou pobre não dou  
Aquilo que quero dar  
Mesmo assim ainda vou  
Além do meu patamar*

*Às vezes não sei a razão  
Não sei nada que se veja  
Falta-me a inspiração  
Vou beber uma cerveja*

*Preciso estar sozinho  
E sem nada a perturbar  
Música com som baixinho  
Uma canção de embalar*

*Tudo aquilo que faço  
Tem que haver uma razão  
Tenho que ter um espaço  
De onde venha inspiração*

*Não escrevo para ganhar  
Dinheiro para sustento  
Nem escrevo para mostrar  
Que tenho algum talento*

*Para mostrar que estou atento  
Do mais pequeno ao maior  
A todo e qualquer evento  
Deste ou daquele teor*

*Eu sei bem que tenho defeitos  
Mas não tenho o da vaidade  
Não enalteço os meus feitos  
E falo sempre a verdade*

*Defeitos? Quem os não tem?  
Se até o bom Jesus  
Nascido de uma santa mãe  
Morreu pregado na cruz!*

### ***O burro, o cigano e o aldeão***

*Um cigano aldrabão  
Negociante de bestas  
Certo dia num feirão  
A um burro fazia festas*

*Nisto surge um aldeão  
De modos afidalgados*

*Com dinheiro e cotão  
Nos bolsos já meio coçados*

*Venha cá ó meu vizinho  
Diz o cigano matreiro  
Compre lá este burrinho  
Faz um negócio “porreiro”*

*Viu o burro muí vistoso  
De orelha arrebitada  
Mas o cigano manhoso  
Só por detrás o mirava*

*Mire o burro no traseiro  
Pela frente não tem vista  
Diz o cigano matreiro  
Passe-lhe bem a revista*

*O homem ia contente  
Falando com os seus botões  
Fiz uma compra valente  
E poupei uns bons tostões*

*Mas, ao montar o jerico  
Já farto de ir à “pata”  
Quase lhe deu o fanico  
Só andava p’la arriata*

*Era cego o burrinho  
Mais cego era o aldeão  
Que só a meio do caminho  
Percebeu a confusão*

*Depois pensou! E agora?  
O que é que eu vou fazer?  
Vou prender o burro à nora  
Assim, já não precisa de ver.*

## *Deus e o Diabo*

*Nasce o Cristo, é uma festa  
Nasce o demo, o que se faz?  
Afinal, que diferença é esta?  
O diabo não é mau rapaz!*

*Entre Deus e o diabo  
A diferença é pequena  
Um só tem a mais o rabo  
E os chifres servem de antena.*

*O diabo não nasceu  
Nem se sabe de onde é  
O Diabo não morreu  
Cristo é da Nazaré*

*Cristo morre, há alegria  
Ressuscita novamente  
Mas que festa se faria  
Se o diabo morresse realmente?*

## *Juíz novo*

*Se o Magistrado pesasse  
Nos pratos da consciência  
Talvez assim condenasse  
Com maior benevolência  
  
Não lhe falta competência*

*Do saber feito de estudo  
Falta-lhe sim a experiência  
Não teve tempo para tudo*

*Já lhe deram o canudo  
E da Justiça, a balança  
Sem ter tempo para tudo  
E foi Juiz sem tardança*

### ***Histórias do meu passado***

*Eu já escrevi um “livreco”  
Da minha vida passada  
Falta escrever com mais eco  
Daqueles que não fazem nada*

*Nunca vi tanto mandrião  
Nos meus anos, mais de oitenta  
Eu nunca vi tanto ladrão  
E a justiça assim tão lenta*

*E os agentes da autoridade  
Que têm medo de agir  
Na vila ou na cidade  
Ao perigo tentam fugir*

*E os próprios magistrados  
Que não sei se mal se bem  
Ou estão mal preparados  
Não condenam quase ninguém*

*E os estabelecimentos prisionais  
Não tratam da reinserção  
Até parecem hotéis  
Ou centros de diversão*

*Com oitenta anos feitos  
Publiquei o meu livrinho  
Sei que tem muitos defeitos  
Mas escrevi-o eu sozinho*

*Tem histórias e memórias  
Daquelas que me lembrei  
Tem derrotas e tem vitórias  
Das muitas que eu passei*

*Muito ficou por dizer  
Mas ainda não parei  
Continuo a escrever  
Sei lá onde chegarei*

*Porque parar é morrer  
Eu não quero estar parado  
Diga-se o que se disser  
É assim este meu fado*

### *A água*

*A água é fonte de vida  
Também é fonte de dor  
A água é boa bebida  
Mata a sede pelo calor*

*A água é energia  
Que faz movimentar a mó  
É fonte de alegria  
Ou de desgraça e de dó*

*Mata a sede a toda a gente  
Ao ceifeiro, ao cavador  
Ao rico, ao indigente  
Ao letrado e ao pastor*

*Ela serve para lavar  
Com ou sem detergente  
Só não consegue limpar  
A alma de muita gente*

*Refresca os acalorados  
Lava as mãos aos "Pílatos"  
Encharca os mal enroupados  
E afoga os insensatos*

*A água é para lavar  
A água é para beber  
A água é para regar  
Ela tudo faz crescer*

*Ela serve para nadar  
E faz os peixes crescer  
Faz os barcos navegar  
Mas também nos faz morrer*

*Tudo o que nasce morre  
Se a água não tem por perto  
Todo o rio que não corre  
Até parece um deserto*

### **O vento**

*O vento, o que é o vento?  
Sem ele não vive a gente  
É o ar em movimento  
E que passa de repente*

*Uns é um “ar que lhes dá”  
Outros com falta de ar  
Anda de cá para lá  
Não há meio de parar*

*Faz o moinho rodar  
Faz o casaco vestir  
A dama o leque abanar  
E o fruto faz cair*

*Mas sem ele nada existe  
E é coisa que não se apalpa  
A ele nada resiste  
Mas que nos faz tanta falta*

*Ventos quentes, ventos frios  
Às vezes até gelado  
Até causa arrepios*

*Quando sopra no telhado*

### ***A terra***

*A terra tudo nos dá  
A terra tudo nos tira  
É sempre de cá para lá  
Parece a dança do vira*

*Se alguém já não respira  
E já pertence ao passado  
Até pode ser mentira  
Vai logo ser enterrado*

*É assim o nosso fado  
Não há nada a contestar  
Seja pobre ou abastado  
Sempre à terra vai parar*

### ***O ar***

*O ar que a gente respira  
É vento que move moinho  
Quando forte tudo vira  
Fica tudo em burburinho*

*Sem ar não há quem resista  
Nem plantas nem animais  
E não sei de qualquer pista  
Que fabrique coisas tais*

*umas vezes é ar quente  
Outras vezes é gelado  
Às vezes a gente sente  
Ele entra por todo o lado*

### ***O Sol***

*O sol é fonte de luz*

*Fogueira que nos aquece  
É estrela que nos conduz  
É calor que adormece*

*É fonte de energia  
E que tudo faz crescer  
Ele faz da noite dia  
Logo ao amanhecer*

*É com ele que tudo brilha  
Sem ele tudo fenece  
Com ele é só maravilha  
De manhã quando aparece*

### **O medo**

*O medo, o que é o medo?  
É coisa que não se vê  
Às vezes é um segredo  
E vão lá saber porquê?!*

### **A fé**

*A fé, o que é a fé?  
Eu sei lá o que isso é  
É como diz São Tomé?  
Ou é conforme a maré?*

### **A fome**

*A fome, o que é a fome?  
Se só a tem quem não come  
Às vezes dá em fartura  
E se a gente não come  
Vai parar à sepultura*

## *A droga e a sída*

*A droga, o que é a droga?  
É uma desgraça e tal  
Que quem nela se afoga  
Tem resultado letal*

*E a sída, o que é a sída?  
É outra desgraça igual  
Quem a tem perdeu a vida  
E o sentido da moral*

## *Quem espera desespera*

*Quem espera desespera  
E eu sou desesperado  
Fico pior que uma fera  
Quando me sinto zangado*

*Esperar foi o meu fado  
Ao longo de toda a vida  
Estou a ficar desgastado  
Por tanta hora perdida*

*De cabeça bem erguida  
A ver o tempo passar  
Tendo por conta e medida  
O nunca desanimar*

*Mas se algum dia falhar  
E alguém esperar por mim  
Bem me podem desculpar  
A vida é mesmo assim*

## *Carro velho*

*Carro velho ou muito usado  
É sempre um quebra-cabeças  
É preciso estar preparado  
Para gasolina e peças*

*Pelas ruas e travessas  
Há carros abandonados  
E não vão andar com pressas  
Estão é mal estacionados*

*Há carros amachucados  
Outros de rodas vazias  
Têm os vidros quebrados  
Estão ali anos e dias*

*Acabaram as correrias  
Os motores estão gripados  
Já não dão mais alegrias  
Poís vão ser desmantelados*

### ***Gostava de ser rico***

*Eu gostava de ser rico  
Mas quero ir para o céu  
E de vez em quando fico  
Pensando ... que faço eu?*

*O rico que assim nasceu  
O pobre que rico se faz  
Cá por mim sou um plebeu  
Mais que isto não sou capaz*

*Quem em paz quiser morrer  
Vá vender tudo o que tem  
E não se pode esquecer  
Que só deve fazer o bem*

### ***Rivalidades***

*Sol, ar, água, mar e terra  
Em contenda de rivais  
Fizeram tamanha guerra  
Para ver quem valia mais*

*As árvores e os animais?  
Diz a terra: isso é meu!  
E o mar, com peixes tais!  
E tu ar só tens o céu*

*Depois da noite de breu  
Se o sol não der a luz  
O que fazes tu e eu  
Se não chamar por Jesus?!*

*Será então desta vez  
Que acaba a discussão  
Neste mundo que Deus fez  
Vão viver em comunhão*

*Afinal quem tem razão?  
Terra, sol, água ou ar?  
Se todos dermos a mão  
O mundo vai melhorar*

## **Deus**

*Se Deus veio para nos salvar  
Se tudo pode fazer  
Se tudo pode vigiar  
Porque nos deixa sofrer?*

*Se Deus é onnipotente  
Se Deus manda em todo o mundo  
Se é um ser onnipresente  
Até no mar mais profundo*

*Porque nos dá tanta dor  
Terramotos, guerras, cheias  
Em vez de nos dar amor  
Dá-nos suplicios, cadeias*

*E que dizer das crianças  
Inocentes maltratadas  
Sem fome e sem esperanças  
Com frio e desnudadas*

*Se não dorme como se diz  
Se vê tudo o que se faz  
Porque não torna o mundo feliz  
Sem guerras e apenas paz?!*

*Eu bem queria acreditar  
Que é Deus que em tudo manda  
Mas começo a duvidar  
Se Deus ainda por cá anda*

### **Reflexões**

*O natal do pobrezinho  
É igual em toda a terra  
O que quer no sapatinho  
Pão, amor e não à guerra*

*Para escrever um poema  
Não tem muito que pensar  
Deve-se escolher um tema  
E depois é começar*

*Se a Terra um dia parar  
Meio mundo é noite escura  
É meio mundo a torrar  
O outro meio na frescura*

*Se o sol um dia fenece  
O mundo fica a gelar  
Não ilumina nem aquece  
Tudo passa a hibernar*

### **A guerra**

*Da guerra oiço dizer  
Que tudo se pode fazer  
Ou se mata por prazer  
Ou então para não morrer*

*Da guerra eu oiço contar  
Que se pensa em desertar  
Com o medo de não voltar  
Passam os dias a cismar*

*Da guerra muito se fala  
Do sargento do magala  
São enterrados na vala  
Ou regressam de bengala*

*Da guerra só vem desgraça  
Massacres feitos em massa  
Ódios tribais ou de raça  
Depois medalhas na praça*

*Mas os que mandam não vão  
Nem ouvem o som do canhão  
Não procuram a razão  
Sentados no cadeirão*

*E quando a guerra acabou  
É herói o que matou  
Criminoso se desertou  
Ausente se não voltou*

*É sempre injusta a guerra  
Ainda que seja santa  
Deixa mazelas na Terra  
E amargos de garganta*

*As guerras são os horrores  
Maiores que o povo tem  
Cozinhadas pelos maiores  
Sem dar "cavaco" a ninguém*

*Há guerras entre irmãos  
Por causa de bagatelas  
Muçulmanos e cristãos  
Há demandas e querelas*

*Guerras por tudo e por nada  
E sem haver qualquer razão*

*Ela pode ser falada  
Mas resolve-se a canhão*

*Guerras de filhos e pais  
E às vezes entre manos  
Só para ver quem manda mais  
Se cristãos ou muçulmanos*

*Dias santos ou profanos  
De festa ou de prazer  
Dias que parecem anos  
Só apetece morrer*

*Há minutos que são dias  
Dias que parecem anos  
Tristezas e arrelíias  
Incertezas, desenganos*

### ***Fontes de vida***

*É o sol que alumia  
É a Terra que nos dá  
Pão nosso de cada dia  
E o sumo do maná*

*Mas sem água nada há  
Sem ela o mundo é zero  
Nada! Como no Saará  
Sol, areia, desespero*

*Ar, sol, água e terra  
Quatro factores de vida  
As vaidades e a guerra  
Querem vê-la destruída*

*A ambição desmedida  
Lixeiras e poluição  
São os pontos de partida  
Para a sua destruição*

*Dizem que Deus manda em tudo*

*Eu nem sei se hei-de crer  
Quanto mais leio e estudo  
Tudo pior fico a ver*

### *Se eu fosse poeta*

*Se eu fosse poeta fazia  
Versos de fazer chorar  
Se eu fosse poeta dizia  
Coisas de fazer pasmar*

*Passava a noite a olhar  
Cismava mas não dormia  
E até mesmo sem falar  
Coisas belas eu diria*

*Decerto também iria  
A remexer o passado  
Quer de noite quer de dia  
Estaria quase acordado*

*Só descansava sentado  
No degrau da minha escada  
Depois do sonho sonhado  
Já não pensava em mais nada*

*Olhando a madrugada  
Com o sol quase a nascer  
A neve e a geada  
Fazendo o queixo tremer*

*Mais gostaria de ver  
Os ganhões terra lavrar  
As crianças a crescer  
As mães a roupa a lavar*

*No "furdão" porco engordar  
No forno pão a cozer  
Com o "fumeiro" a pingar  
E nabíças a crescer*

*Mais gostaria de ver  
As couves a repolhar  
As batatas a nascer  
E o lume a crepitar*

*Mais gostava de almoçar  
Ainda bem de madrugada  
Logo ao meio dia jantar  
Depois a sesta esperada*

*À merenda côdea molhada  
Com azeitonas e miga fria  
À ceia sopa e mais nada  
Seu eu fosse poeta fazia*

### ***Realidades***

*Eu bem queria escrever  
Mas falta-me a inspiração  
Às vezes nem sei sequer  
Dois e mais dois quantos são*

*Com a caneta na mão  
E o papel preparado  
Por uma ou outra questão  
Sai-me sempre tudo errado*

*Às vezes estou cansado  
E outras impaciente  
Tão depressa estou zangado  
Como logo estou contente*

*Mudar assim de repente  
É coisa pouco usual  
Não é estado permanente  
Mas há algo que está mal*

### ***Quadras à solta***

*Eu sei bem que já sou velho*

*Sei muito bem, porque sinto  
Ao olhar-me no espelho  
Só sou novo porque minto*

*O muito pouco que sei  
Gostava de partilhar  
Mas ainda não encontrei  
Maneira de ensinar*

*Gostava de poder dar  
O pão, amor e carinho  
De modo a nunca faltar  
De comer ao pobrezinho*

*Gostava de dar um ninho  
A quem dele precisasse  
Pelo menos um cantinho  
Onde o pobre descansasse*

*Não sei bem para onde vou  
Mas não quero ir contigo  
Quero apenas ser quem sou  
Saber o que faço e o que digo*

*Quem me dera depenado  
Das penas que dentro tenho  
Das de fora? Sou livrado  
Desde os tempos de antanho*

*Não preciso mais do que tenho  
Nem tenho mais que preciso  
Está tudo em bom tamanho  
Se não me faltar o juízo*

*O mundo está inclinado  
Quase arrasta pelo chão  
Sempre que me passa ao lado  
Eu dou-lhe o meu puxão*

*Não sei se tenho razão  
Ainda pequena que seja  
É mesmo um mundo cão*

*De ódio e de inveja*

*Há sempre alguém que rasteja  
E é pisado no pó  
Há sempre alguém que moureja  
Triste e pobre como Jó*

*Sem piedade nem dó  
Mora o rico a teu lado  
Gordo e de paletó  
Tu como fome e desnudado*

*Sem casa e desempregado  
E o filho a pedir pão  
Quem não ficará revoltado  
Com esta situação?!*

### *Diferenças entre homem e mulher*

*Entre o homem e a mulher  
Há pouco de diferente  
Há uma coisa qualquer  
Um apêndice pendente*

*Mais ou menos inteligente  
Mais ou menos musculosa  
Mais ou menos competente  
A mulher é mais manhosa*

*As mulheres são “raposas”  
O homem é mais sincero  
Também há boas esposas  
Que nos tratam com esmero*

*Dão-se mais ao desespero  
Num pensamento falhado  
Ou voltam à estaca zero  
Ou trocam de namorado*

*Quem ao cometer o pecado  
Outro companheiro cobiça*

*Quem ao sentir-se enganado  
Não reclama por justiça?!*

*Entre marido e mulher  
Há um ditado que diz  
Não se meta a colher  
São senhores do seu nariz*

### *Linha da vida*

*A vida de um qualquer ser  
É uma linha fechada  
Ela começa ao nascer  
Termina quase em nada*

*Em cada dia que passa  
É menos um a passar  
A vida não é desgraça  
É para viver a cantar*

*A vida é como as águas  
De um rio sempre a correr  
Feita de prazeres e mágoas  
O fim da vida é morrer*

*Na família, a mulher  
É aquilo que queremos  
Não é senhora quem quer  
Somos nós que as fazemos*

*Lá porque és novo não penses  
Que o mundo é sempre igual  
A idade tu não vences  
Porque o destino é fatal*

*Tu que és jovem não esqueças  
Prepara a tua velhice  
Não te fies em promessas  
Sem demoras, trata disso*

*Aquele que reconhece*

*Os defeitos que contém  
Até o perdão merece  
Quando não se porta bem*

*Eu sinto que vou morrendo  
Cada dia um bocadinho  
Mas enquanto for vivendo  
Deixo marcas no caminho*

*Tenho pena de não ser  
Novo como tantos que vejo  
Que podiam aprender  
É só disso que os invejo*

*Na idade de estudar  
Não tive facilidade  
Puseram-me a trabalhar  
Lá se foi a mocidade*

*Tiraram-me a liberdade  
Fiquei preso como um cão  
Da aldeia para a cidade  
Assim sem dó nem perdão*

*Em adulto fui estudar  
Mas a vida era dura  
E não pude continuar  
Até uma formatura*

*Mesmo assim ainda aprendi  
Não tanto como eu pensei  
Mais que tantos que vejo aqui  
Como chegaram é que não sei*

### *A língua*

*Se a língua se lavasse  
Com um qualquer detergente  
Talvez assim se limpasse  
A língua de muita gente*

*Línguas de sogra ou de gato  
Há também língua estufada  
Línguas de todo o formato  
Línguas de trave cortada*

*Línguas que não dizem nada  
E línguas que dizem de mais  
Há muita língua aldrabada  
Em notícias de jornais*

*Há linguagem que se fala  
E linguagem gestual  
Há linguagem que se cala  
E linguagem natural*

*Línguas curtas ou compridas  
Línguas grandes, afiadas  
Línguas de várias medidas  
Línguas más e depravadas*

### ***Mal agradecido***

*Não agradeço a ninguém  
Nem mesmo por ter nascido  
E nem sequer à minha mãe  
Eu estou muito agradecido*

*Não tenho que agradecer  
Nada daquilo que sei  
Sempre que quis aprender  
Fui eu que tudo paguei*

*Nem tenho que agradecer  
Da vida nada a ninguém  
Nem sequer por eu nascer  
Agradeço à minha mãe*

*Quero que fique a constar  
Que se já fui ajudado  
Não foi por familiar  
Nem por vizinho do lado*

*Sem nunca ser bafejado  
Pela desgraça ou má sorte  
Sem ser pobre nem abastado  
Sempre tive Deus por perto*

*Eu não sou licenciado  
Em nenhuma universidade  
Não sou Doutor nem mestrado  
Um pouco de tudo eu sei, é verdade*

*Tenho uma certa vaidade  
Por ser assim deste jeito  
Tenho amor à liberdade  
À decência e ao respeito*

*Na idade e no conceito  
Estou em plano elevado  
Mas a tudo estou sujeito  
Se não travar um bocado*

### **Os ossos**

*Há ossos do ofício  
E ossos duros de roer  
Ossos de sacrifício  
E ossos que fazem sofrer*

*Há ossos atravessados  
Ossadas e ossaduras  
Ossos tortos, mal formados  
De animais e criaturas*

### **Mistérios**

*Mistério, imaginável  
Ilusão, habilidade  
Enigma, coisa provável  
Onde estará a verdade?*

*Escrevo versos à sorte  
Sobre temas variados  
Para depois da minha morte  
Podem ser meditados*

*Médicos, medicamentos  
Doenças e acidentes  
Açaques e tratamentos  
Tonturas e dores de dentes*

### ***O fado***

*O fado é nostalgia  
Depende do que se canta  
O fado é alegria  
É coração e garganta*

*É a canção que se canta  
Que faz rir e chorar  
Vadio de pau e manta  
No constante caminhar*

*Fado não é só em Lisboa  
Fado é também da serra  
Nem é só da Madragoa  
É da tua e minha terra*

*Canta-se na paz e na guerra  
No bom e no mau momento  
E tal mistério encerra  
Quer esteja triste ou contente*

### ***No restaurante***

*A ementa era cabrito  
Mas o cabrito acabou  
O patrão ficou aflito  
E o cãozinho cozinhou*

*Depois veio outro freguês*

*Cabrito queria comer  
Foi o gato siamês  
Lá teve que abater*

*Mas depois outro e mais um  
Queriam aquele prato  
Contentem-se com o atum  
Que já não há cão nem gato!*

### ***Divagações***

*O Diabo viu-se perdido  
Então foi para moleiro  
Eu estou desiludido  
Vou tentar fazer dinheiro*

*São José foi carpinteiro  
Cristo é o bom pastor  
Santiago foi guerreiro  
D. Dinís foi lavrador*

*Dom Sancho o povoador  
Dom Fernando o formoso  
Dom Henrique o descobridor  
Dom Manuel o venturoso*

### ***Quadras baralhadas***

*Chamem-me materialista  
Herege ou mesmo ateu  
Não acredito que exista  
Nem o inferno nem o céu*

*Tudo acaba com a morte  
E não há ressurreição  
Quem acredita em tal sorte  
Vive uma grande ilusão*

*É uma grande confusão  
Calçar a luva no pé*

*A meia calçar na mão  
E não saber do boné*

*E no meio deste banzé  
Veste as calças ao contrário  
Tropeça no canapé  
E cai dentro do armário*

*O que é a felicidade?  
Ser ou não ser eis a questão  
Existe na realidade?  
Ou é também ilusão?*

*Será ter tudo o que se quer?  
Ou será mesmo não ter nada?  
Será ter filhos e mulher?  
Ou andar na vida airada?*

*Bem vestido e calçado  
E comer do melhor que há  
Andar roto, desnudado  
Felicidade o que será?*

*Felicidade não será não  
Um sinónimo de riqueza?  
É ser puro de coração?  
Também não tenho a certeza!*

### *Versículos biográficos*

*Não nasci num berço fino  
Nem parteira conheci  
Minha casa de menino  
És pobre, gosto de ti*

*Andei descalço na estrada  
Quase nú, fralda de fora  
Comi fruta mal lavada  
Ainda me lembro agora*

*À azeitona, à bolota*

*Eu me lembro que andei  
Pés, mãos, cabeça em pelota  
Tanto gelo eu pisei*

*Aos sete anos, escola  
Até aos onze, ciência tanta  
Lá ia com a sacola  
Dona "Tomásia" que santa*

*Mas depois castigo veio  
Do trabalho coisa dura  
Qual vara fraco susteio  
Qual novilha prematura*

*Cavei terra, plantei rosas  
Ceifei trigo, centeio, cevada  
Trabalhei pedras musgosas  
Cantaria mal lavrada*

*Vendi nabijas na praça  
De uma terra arrendada  
Vendi ferro-velho e passas  
Mas que vida desgraçada*

*Na Covilhã fui pedreiro  
Por conta de um tal Riscado  
Trabalho, pouco dinheiro  
Passei lá um mau bocado*

*Depois da tropa, má e boa  
Na Polícia ingressei  
Depois de Évora, Lisboa  
Outros maus tempos passei*

*A vida um pouco mudei  
Esqueci tempos passados  
Bons e maus trilhos pisei  
Alguns êxitos registados*

## *Feira do relógio*

*Se quiseres comprar, vender  
Vai no domingo lá ver  
Logo cedo, ao amanhecer  
Há de tudo para comer*

*Nabos com rama e sem ela  
Couratos, febras, moela  
Farínheiras, alheiras, morcela  
Cravos, cominhos, canela*

*Queijo amarelo, picante, e branco  
De Serpa ou de Castelo Branco  
Sapatos, botas, tamanco  
Servem ao coxo e ao manco*

*Calças, casacos, blusões  
Capotes, saias, safões  
Fechos de correr e botões  
Servem a altos e anões*

*Mobílias, carpetes, tapetes  
Desandadores e alicates  
Beríngelas e tomates  
Correntes e aloquetes*

*Pás, forquilhas e enxadas  
Ferramentas variadas  
Garfos, facas afiadas  
Batatas são às carradas*

*Melancias e melões  
Vinho, azeite, garrafões  
Brancos, pretos, matulões  
Cuidado com os encontrões*

*Cenouras ao quilo e aos molhos  
Couves, bróculos, repolhos  
Larápios que num fecho de olhos  
Te roubam se não te encolhes*

*Maçãs, laranjas e uvas  
Camisas, pijamas, ceroulas  
Meias, cuecas e luvas  
Senhoras de lantejoulas*

*Algúidares, pratos, panelas  
Malgas, pires, tijelas  
Ameixas das amarelas  
Ginjinha com e sem elas*

*Há alfaces para salada  
Árvores para plantar  
Marmelos e marmelada  
Mel puro para adoçar*

*Azeitonas e tremoços  
Feijão verde e encarnado  
Frutas secas sem caroços  
Grão-de-bico logo ao lado*

*Cebolas, alhos, pimentos  
Malaguetas em coleiras  
Salsa, hortelã e coentros  
Chouriços e cacholeiras*

*Bacalhau inteiro e caras  
Há bolos e pão saloio  
Há tropicais frutas raras  
Bananas de palmo e meio*

*Abóboras partidas, inteiras  
Lençóis, cobertores, travesseiras  
Cirandas, crivos, peneiras  
Cuidado com as algibeiras*

*Há polícias à paisana  
Ou de serviço, fardados  
Há Guarda Republicana  
Beleguins e Magistrados*

*Há encontros já marcados  
Às tantas, de tal maneira*

*Lá estão alguns reformados  
Em amena cavaqueira*

*Está a feira a acabar  
Há Caixas e plásticos no ar  
Frutas podres a rebolar  
Vem a Câmara para limpar*

### ***Um aniversário da Tia Isabel***

*De seu nome é Isabel  
Prata é seu apelido  
Coração e voz de mel  
Batista é de marido*

*Tem uns filhos mui diletos  
A Alice mais o Necas  
São umas jóias, os netos  
Genro, noras e as netas*

*Parabéns à velha amiga  
Como lhe costume chamar  
Fiz para si esta cantiga  
Para mais tarde recordar*

### ***Os 90 anos da Tia Evangelina***

*Parabéns à minha tia  
Pelos anos que hoje faz  
Deus lhe dê muita alegria  
E que viva sempre em paz*

*A tia Evangelina  
É uma mulher muito esperta  
Ela nunca desatina  
E está sempre muito alerta*

## *Quadras alusivas à Tia Lucinda Prata*

*Quem teve uma tia assim  
Deve dar graças a Deus  
Foi alegre até ao fim  
Está a rir-se nos céus*

*Romarias, funerais  
Missas e procissões  
Visitas aos hospitais  
Terá ido a milhões*

*Ser-se órfão de uma tia  
É coisa pouco vulgar  
Mas ela de mãe fazia  
No seu afável tratar*

*O seu nome era Lucinda  
Prata e ouro de coração  
Foi duma bondade infinda  
E ria com satisfação*

*Chamar “cantos” aos versos que compõem esta obra, feita de pedaços e sem continuidade temporal, alguns sem métrica e com escassa literalidade, talvez seja abusivo.*

*Se entendermos, restritamente, que cantos são “versos destinados a serem cantados”; ou que são apenas “uma composição poética”, ou a “divisão de um poema”.*

*Porém, se aceitarmos que estes pedaços de poesia são mais do que simples adição de versos fragmentados, sendo sim a ilustração de uma vida e dos retratos pictóricos que o seu autor foi pincelando com as palavras, talvez melhor se compreenda a opção.*

**Cuco:** ave trepadora da família dos cuculídeos, frequente em Portugal na Primavera. Com origens imemoriais, mas de génese popular, os naturais de Cafédé - terra do autor - são apelidados de “cucos”.